

ARTE E JUSTIÇA XXV

Pilatos lavando as mãos, de Lorenzo Ghiberti

I. As portas do Batistério de São João de Florença

Bem no centro de Florença, em frente à magnânima Catedral de Santa Maria del Fiore, ladeada pelo Campanário de Giotto – construções iniciadas em 1296 –, encontra-se situado aquele que será, muito provavelmente, o edifício mais antigo da cidade, o Batistério de São João (*San Giovanni* para os locais).

Escavações realizadas durante o século XX vieram desmentir a ideia de que no local do Batistério teria estado antes um templo romano dedicado a Marte. Na verdade, o Batistério terá sido erigido sobre os alicerces duma torre de guarda, situada num dos cantos das muralhas romanas que protegiam a cidade.



Figura 1 - Vista da Piazza di San Giovanni, em Florença. Em primeiro plano, as fachadas Norte, Noroeste e Oeste do Batistério de São João. Por trás, a Catedral de Santa Maria del Fiore e o Campanário de Giotto.

Fonte: <https://cache-graphicslib.viator.com/graphicslib/thumbs360x240/2428/SITours/florence-sightseeing-tour-with-skip-the-line-options-to-the-accademia-in-florence-150020.jpg>

ocorria duas vezes por ano. Durante o século XI, antes da construção da Catedral de Santa Maria del Fiore, o Batistério também desempenhou a função de catedral da cidade.

Foi já em 1336 que foram instaladas, a Este, as portas esculpidas em bronze por Andrea Pisano, com painéis em quadrifólio que retratam a vida de São João Batista e as

A construção do Batistério de Florença teve início no ano de 1059 e terminou em 1128, com uma forma octogonal, exterior forrado a mármore, e três entradas voltadas a Norte, a Sul e, de frente para a Catedral, a Este. As suas grandes dimensões devem-se à necessidade de acomodar as largas multidões que compareciam para a administração do Batismo, que

virtudes teologais e cardeais⁽¹⁾. Mais de um século volvido, as portas de Pisano foram movidas para Sul, dando lugar às Portas do Paraíso⁽²⁾ de Lorenzo Ghiberti, de frente para a, à data, recém-construída Catedral. No entanto, Ghiberti só foi incumbido desta obra depois do sucesso das portas Norte, instaladas em 1424, obra que ganhou em concurso organizado em 1401 pela *Arte di Calimala*⁽³⁾.

De acordo com instruções da guilda, os concorrentes teriam de esculpir um painel em bronze em que retratassem o episódio do Antigo Testamento, o sacrifício de Isaac. No final, a guilda decidiu atribuir a empreitada das portas Norte do Batistério a Ghiberti, preferindo-o a Filippo Brunelleschi⁽⁴⁾. No entanto, o plano inicial foi alterado. Ao invés das planeadas cenas do Antigo Testamento, as portas Norte passaram a dever figurar episódios do Novo Testamento, bem como representações dos Quatro Evangelistas⁽⁵⁾ e dos Doutores da Igreja⁽⁶⁾, nos painéis inferiores.

Quando, em 1425, a *Arte di Calimala* atribuiu a Ghiberti a tarefa de esculpir um terceiro par de portas para o Batistério, as Portas do Paraíso, e apesar de o ter instruído a esculpir cenas do Antigo Testamento, deu-lhe total liberdade de criação para que a obra fosse tão *perfeita, rica e ornamentada*⁽⁷⁾ quanto possível, o que se deve ao estatuto que havia conquistado com o sucesso da obra anterior. Vinte e dois mil florins depois, as portas com mais de quinze toneladas⁽⁸⁾ foram finalmente instaladas em 1452 e Ghiberti imortalizado com o seu autorretrato esculpido na sua obra prima (figura 2), entre dez painéis quadrados, ladeados por várias estatuetas e vinte e quatro bustos. Atualmente, quem visita o Batistério de São João apenas poderá admirar uma réplica das Portas



Figura 2 - Autorretrato de Lorenzo Ghiberti nas Portas do Paraíso do Batistério de São João, em Florença.

Fonte: <https://www.stjames-cathedral.org/Events/2008/images/ghiberti-self.gif>

⁽¹⁾ São virtudes teologais a fé, a esperança e a caridade. A prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança constituem as virtudes cardeais.

⁽²⁾ Assim apelidadas por Michelangelo.

⁽³⁾ Guilda de mercadores de tecido que detinha o mecenato do Batistério de São João.

⁽⁴⁾ Os painéis de ambos os escultores encontram-se expostos, lado a lado, no Museu Nacional do Bargello, em Florença. Entre os concorrentes encontravam-se ainda nomes como Jacopo della Quercia ou Donatello.

⁽⁵⁾ São eles São João Evangelista, São Mateus, São Lucas e São Marcos, autores dos quatro Evangelhos do Novo Testamento.

⁽⁶⁾ À época eram apenas Santo Ambrósio, São Jerónimo, São Gregório e Santo Agostinho.

⁽⁷⁾ Palavras do próprio Lorenzo Ghiberti na sua autobiografia *I Commentarii*. V. LORENZO Ghiberti, “Commentario II”, in JULIUS VON SCHLOSSER, *Lorenzo Ghiberti's Denkwürdigkeiten (I commentarii)*, p. 48, disponível em <https://archive.org/details/lorenzoghbertis00ghibuoft>.

⁽⁸⁾ V. <https://www.stjames-cathedral.org/Events/2008/ghiberti1.pdf>.

do Paraíso, dado que, após as cheias que atingiram Florença em 1966, as originais, criadas por Ghiberti, foram retiradas e encontram-se hoje expostas e preservadas no Museo dell'Opera del Duomo de Florença.

II. «[T]omando água, lavou as mãos diante da multidão», Mateus 27:24

Pôncio Pilatos foi governador da província romana da Judeia durante o reinado de Tibério, conforme relata São Lucas⁽⁹⁾. Foi também o juiz que condenou Jesus à morte na cruz⁽¹⁰⁾.

A sua existência foi alvo de debate durante séculos, até que em 1961, no âmbito de escavações arqueológicas às ruínas do anfiteatro romano de Cesareia, em Israel, foi encontrada uma pedra com parte de uma inscrição⁽¹¹⁾:

“(...)STIBERIEVM
(...)TIVSPILATVS
(...)ECTVSIVD(...)E”.

Apesar de ser ainda controverso o conteúdo do texto⁽¹²⁾, tem-se por assente que na pedra se encontra gravado o nome de *Pontius Pilatus, Praefectus Iudaeae* (Pôncio Pilatos, Prefeito da Judeia) que foi, por isso, batizada de “Pedra de Pilatos”, ficando assim confirmada a sua existência, não apenas enquanto personagem bíblica⁽¹³⁾.

Pôncio Pilatos era bastante contestado pelos Judeus, por força da sua conduta abusiva, crueldade e frequentes execuções de prisioneiros, sem julgamentos. Essa falta de popularidade tê-lo-á levado a ceder à pressão da multidão que assistia ao julgamento de Jesus.

“E, convocando Pilatos os principais dos sacerdotes, e os magistrados, e o povo, disse-lhes: “Haveis-me apresentado este homem como pervertedor do povo; e eis que, examinando-o na vossa presença, nenhuma culpa, das de que o acusais, acho neste homem. Nem mesmo Herodes, porque a ele vos remeti, e eis que não tem feito coisa alguma digna de morte. Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei.” E era-lhe necessário soltar-lhes um pela festa. Mas toda a multidão clamou a uma,

⁽⁹⁾ “E no ano quinze do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos presidente da Judeia, e Herodes tetrarca da Galileia, e seu irmão Filipe tetrarca da Itureia e da província de Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene, sendo Anás e Caiús sumos sacerdotes, veio no deserto a palavra de Deus a João, filho de Zacarias.”, Lucas 3:1-2.

⁽¹⁰⁾ “Então [Pilatos] soltou-lhes Barrabás, e, tendo mandado açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado.”, Mateus 27:26.

⁽¹¹⁾ V. <http://www.bible-history.com/archaeology/israel/pilate-inscription.html>.

⁽¹²⁾ V. <http://www.roger-pearse.com/weblog/2017/04/14/good-friday-the-pilate-stone/>.

⁽¹³⁾ A Pedra de Pilatos encontra-se exposta no Museu de Israel, em Jerusalém, e uma réplica em Cesareia.

dizendo: "Fora daqui com este, e solta-nos Barrabás." O qual fora lançado na prisão por causa de uma sedição feita na cidade, e de um homicídio. Falou, pois, outra vez Pilatos, querendo soltar a Jesus. Mas eles clamavam em contrário, dizendo: "Crucifica-o, crucifica-o!" Então ele, pela terceira vez, lhes disse: "Mas que mal fez este? Não acho nele culpa alguma de morte. Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei." Mas eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado. E os seus gritos, e os dos principais dos sacerdotes, redobravam.", Lucas 23:13-24.

Apesar de considerar Jesus inocente, Pôncio Pilatos não deixou, ainda assim, de o condenar, fazendo "o que eles pediam" (Lucas 23:24). Mas antes, num gesto simbólico,

"Então Pilatos, vendo que nada aproveitava, antes o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: "Estou inocente do sangue deste justo. Considerai isso."", Mateus 27:24.

Além de retratada por Lorenzo Ghiberti na porta Norte do Batistério, esculpida a bronze dourado (figuras 3), esta cena bíblica inspirou ainda diversas outras obras, nomeadamente de Rembrandt⁽¹⁴⁾, Nicolaes Maes⁽¹⁵⁾, Albrecht Dürer⁽¹⁶⁾ ou Tazio da Varallo⁽¹⁷⁾.



Figura 3 – Pilatos lavando as mãos, Lorenzo Ghiberti, detalhe da porta Norte do Batistério de São João, Florença, Itália. Fonte: http://rcurtisreport.weebly.com/uploads/3/0/0/6/30064205/2765861_orig.jpg

A expressão “lavar as mãos” mantém-se, até aos dias de hoje, como sinónimo de declinar responsabilidades⁽¹⁸⁾. De facto, como forma de garantir a independência do juiz, surge o princípio da irresponsabilidade do juiz, consagrado no nosso ordenamento no artigo 6.º do Estatuto dos Magistrados Judiciais (Lei n.º 21/85, de 30 de julho). Mas não quererá isso dizer que o juiz possa decidir

⁽¹⁴⁾ *Pilatos lavando as mãos*, pintura a óleo sobre tela, c. 1660, exposta no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque.

⁽¹⁵⁾ *Cristo perante Pilatos*, pintura a óleo sobre tela, 1649, exposta no Museu de Belas Artes de Budapeste.

⁽¹⁶⁾ *Pilatos lavando as mãos*, gravura, 1511, coleção privada.

⁽¹⁷⁾ *Pilatos lavando as mãos*, esculturas, 1620, expostas na XXXIV Capela do Sacro Monte de Varallo, em Itália.

⁽¹⁸⁾ O ato de lavar as mãos será de origem judaica, não romana, e visava expressar a não participação em derramamento de sangue. V. Deuteronómio 21:6-7.

arbitrariamente. Para além de vinculado à lei, incide ainda sobre o juiz um dever de observância dos princípios de ética judicial que se agrupam nos seis atributos centrais do juiz: Independência, Imparcialidade, Integridade, Humanismo, Diligência e Reserva⁽¹⁹⁾. Valores, esses, que visam assegurar a confiança pública na administração da justiça que, sendo exercida em nome do povo (artigo 202.º, n.º 1 da Constituição da República Portuguesa), o mesmo não quer dizer que a “*vox populi*” deva influir na decisão a ser tomada pelo juiz. Pelo contrário, pelos *supra* enumerados princípios, em especial da independência e da imparcialidade, deve o juiz “[opor-se] a qualquer tentativa de politização dos seus órgãos próprios de governo ou da sua função”⁽²⁰⁾ e “[repudiar] todas



Figura 4 – Estatueta alegórica da deusa Iustitia.

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/ff/ff/Estatueta_Justi%C3%A7a.JPG

as tentativas de influência, aliciamento, pressão ou ameaça, de quaisquer poderes ou grupos, públicos ou privados, externos ou internos à ordem judicial”⁽²¹⁾. O juiz deverá, então, decidir com base na lei e numa análise escrupulosa dos factos, “em liberdade de espírito e com repúdio de quaisquer influências, indicações, solicitações, aliciamentos, pressões ou ameaças, sejam directas ou indirectas”⁽²²⁾. É precisamente a característica da imparcialidade que se acha representada na venda sobre os olhos da deusa Iustitia da mitologia romana (figura 4).

“O juiz também não se deixa condicionar pelas correntes da opinião pública veiculadas pela comunicação social, pelo receio de críticas, pela aclamação pública ou pela notoriedade dos participantes processuais, decidindo em consciência, com coragem e ponderação.”⁽²³⁾

⁽¹⁹⁾ De acordo com o Compromisso Ético dos Juizes Portugueses, adotado pela Associação Sindical dos Juizes Portugueses, disponível em <http://www.asjp.pt/wp-content/uploads/2010/04/1-Vers%C3%A3o-em-portugu%C3%AAs-COMPROMISSO-%C3%89TICO-DOS-JU%C3%8DZES-PORTUGUESES.pdf>.

⁽²⁰⁾ *Ibidem*, p. 12.

⁽²¹⁾ *Ibidem*.

⁽²²⁾ *Ibidem*, p. 14.

⁽²³⁾ *Ibidem*.

Terá sido precisamente essa coragem que faltou a Pôncio Pilatos. Coragem para impor a decisão que o próprio tinha por acertada e, assim, fazer justiça. E coragem para se responsabilizar pela decisão que efetivamente tomou. Pelas suas intervenções perante a multidão composta por judeus, Pilatos terá, de facto, querido ilibar Jesus. No entanto, perante a intransigência com que se deparou, o governador da Judeia optou por colocar a sua carreira (recorde-se que Pilatos gozava de pouca popularidade) à frente da sua própria consciência e da justiça.

Embora não se saiba como terminaram a carreira e a vida de Pôncio Pilatos, tendem a prevalecer versões pouco honrosas. De acordo com Eusébio de Cesareia, a falta de popularidade de Pilatos ter-se-á estendido ao Imperador romano Calígula, levando-o a cometer suicídio por volta de 37 d.C.⁽²⁴⁾. Outros alegam que as suas condutas abusivas levariam a que, no mesmo ano, o governador da Síria o depusesse, reenviando-o para Roma⁽²⁵⁾.

Ainda assim, a Igreja Ortodoxa Etíope veio a canonizá-lo, bem como à sua esposa, Cláudia Prócula, no século VI. Concentrados na intenção de Pilatos em libertar Jesus, também os primeiros cristãos o consideravam um santo, culpando os judeus pelo destino de Jesus.

David Ribeirinho Alves

⁽²⁴⁾ V. <https://seuhistory.com/biografias/poncio-pilatos>.

⁽²⁵⁾ V. DANIELLE FOUILLOUX et al., “Dicionário da Bíblia”, in *Dicionário da Bíblia e do Cristianismo*, p. 217.